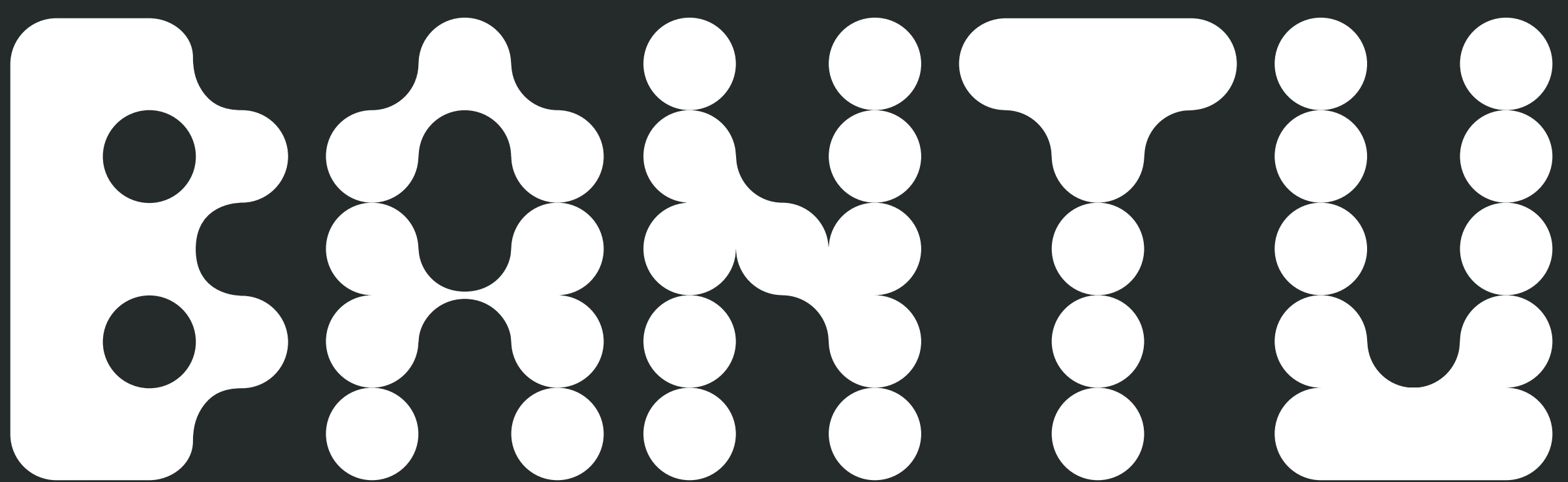


NOSSA VIDA





O Museu de Arte do Rio tem a honra de apresentar a exposição “Nossa vida bantu”, uma imersão nas contribuições da cultura bantu à formação da identidade brasileira. O MAR convida o público a revisitar, reconhecer e valorizar os saberes, expressões e presenças bantu que atravessam séculos de história em solo brasileiro e estão presentes no nosso dia a dia.

Provocar reflexões sobre a diversidade cultural do nosso país é um dos objetivos do Museu de Arte do Rio. Por isso, a principal exposição do ano apresenta uma seleção de obras que traçam um panorama da herança bantu através das linguagens artísticas, destacando a religiosidade, as palavras, a música, a memória e as práticas cotidianas da nossa gente. São mais de 50 obras de cerca de 20 artistas nacionais e internacionais que buscam refletir suas próprias pesquisas em torno dessa compreensão bantu da existência.

“Nossa vida bantu” propõe abordar o impacto da chegada da cultura bantu incorporada aos saberes dos povos originários e afrodiaspóricos aqui presentes. Apresentamos no MAR o protagonismo dessas populações, que mesmo diante do colonialismo e da escravização, mantiveram vivas suas tradições e transformaram profundamente a cultura brasileira. Para o MAR, essa é uma exposição carregada de significados que dialogam e representam a história do Rio de Janeiro e do Brasil. A nossa vida bantu é feita por milhares de vozes, cores, ritmos e vidas.

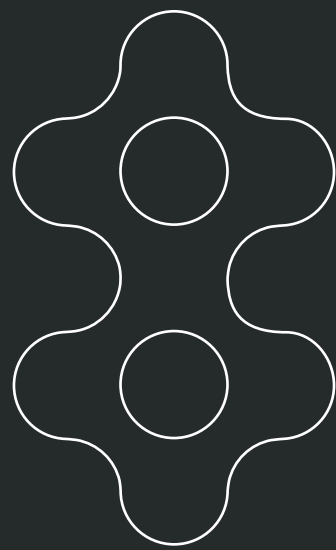
Sejam todos bem-vindos!

Rodrigo Rossi

Diretor e Chefe da Representação da OEI no Brasil

Marcelo Velloso

Diretor-Executivo Museu de Arte do Rio

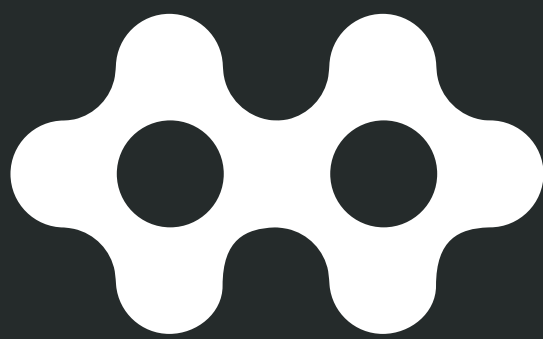


O Instituto Cultural Vale se une ao Museu da Arte do Rio para apresentar “Nossa vida bantu”, um mergulho na significativa influência dos povos bantus na formação cultural brasileira e seu legado na língua, na culinária, na música que vivenciamos hoje no Brasil. São mais de 50 obras de artistas brasileiros e de países africanos, num panorama das conexões engendradas por essa diáspora.

Como um dos maiores apoiadores da Cultura no Brasil, o Instituto Cultural Vale reitera em sua atuação o compromisso com uma cultura antirracista, plural e acessível, aliada à educação e ampliando oportunidades para aprender, refletir e desenvolver novos olhares. Nesse sentido, “Nossa vida bantu” se une a iniciativas como “Um Defeito de Cor” e “FUNK: Um grito de ousadia e liberdade”, exposições que marcaram a trajetória do MAR. Reforça também uma série de iniciativas do Instituto Cultural Vale em conjunto com o Museu, do qual o Instituto é mantenedor, como a visibilização das línguas indígenas com “Nhe’e Porã – Memória e Transformação”; o retrato de pessoas à margem da transformação urbana em “Renunciar/ Mobi” e a cultura popular maranhense de “Zimar”.

Assim, convidamos você a conhecer “Nossa vida bantu” e aprender, reconhecer e contribuir para a valorização de histórias e memórias dos povos negros e seu protagonismo no Brasil.

Instituto Cultural Vale



O termo "bantu" constitui uma designação genérica cunhada por um linguista europeu no século XIX para agrupar um vasto conjunto de línguas africanas que compartilham raízes fonológicas comuns. Sob essa classificação, idiomas como o quimbundo, o quicongo e diversos outros passaram a ser reconhecidos como integrantes do tronco linguístico bantu. Atualmente, as línguas bantu — amplamente faladas em países como Angola, República Democrática do Congo, Moçambique, entre outros — continuam a representar a sua principal base linguística, tanto em termos de número de falantes quanto de abrangência territorial.

Para além da importância no contexto africano, as línguas e culturas bantu exerceram papel decisivo nos processos de diáspora e reconfiguração cultural nas Américas, articulando-se de maneira profunda com a formação da sociedade brasileira. Sua presença no Brasil e em diversos territórios das Américas não se limita a uma herança remota, mas se expressa em práticas que organizam o tempo, o espaço, a linguagem e a vida em comunidade.

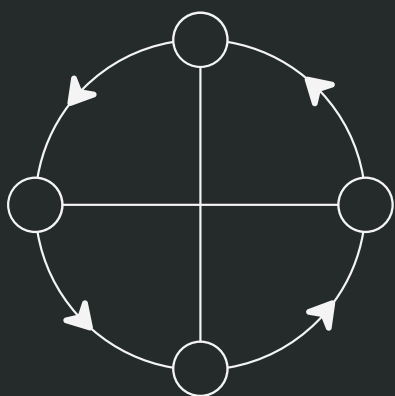
No Brasil, esses modos de existência construíram formas próprias de marcar o tempo como espiral – no qual o passado não é deixado para trás, mas ecoa no presente – e de criar espaços vivos, traçados por movimentos, sons e encontros, como nos explica Leda Maria Martins. Na cosmologia bantu, o tempo não se desenha em linha reta, mas pulsa em ciclos, retornos e ativações. Não há separação rígida entre o que se passou, o que acontece e o que ainda virá. O passado não é um ponto fixo atrás de nós, mas uma força que continua agindo, que se revela nos toques dos atabaques, nas rezas murmuradas, nos gestos cotidianos que mantêm vivos os vínculos com os ancestrais. O tempo se inscreve no corpo e na escuta, nas festas de terreiro, nas rodas de samba, nas saudações que invocam o encantamento dos que vieram antes. É presença que se refaz. No Brasil, essa vivência do tempo se enraíza em práticas de reinvenção e continuidade, nas quais existir é também lembrar, e lembrar é um modo de manter o mundo em movimento.

Nos estudos sobre os pensamentos afrodiaspóricos brasileiros, houve um apagamento das cosmopercepções bantu presentes, por exemplo, nos terreiros de Angola e nas umbandas. Entre nós, bantu, carinho é chamado de dengo, bagunça de mafuá, confusão de fuzuê, feitiço de canjerê, trabalho de curimá. Na indistinção entre espíritos e seres vivos, trabalhar pode se referir à labuta diária ou ao tempo em que os espíritos ancestrais baixam para curimá, como nos versos da canção de Dona Ivone Lara: “Andei andei, andei para curimá”.

A comunicação entre mundos visíveis e invisíveis atravessa muitas dessas expressões: o toque dos tambores, os desenhos sobre a terra, as melodias, as danças e os objetos carregados de intenção moldam redes de sentidos que ligam o que se vê e o que se intui. O corpo, mais do que matéria, é território de passagem, é guardião de histórias e saberes tecidos em gestos, ritmos e celebrações. Enquanto o Ocidente pensa o estático, tranca a vida em laboratório; o pensamento bantu compreende a vida como fluxo: tudo se transforma, tudo se move em rede.

Das práticas culturais que se recriam, temos a musicalidade dos maracatus e das congadas, os pontos riscados das religiões afro-brasileiras, as danças circulares, as brincadeiras de roda, as fórmulas de canto e os elementos de proteção e comunicação espiritual. Não há uma separação entre o que é e não é vivo. A vida é uma expansão. Um processo constante de criação e recriação. Esta exposição convida a reconhecer essas práticas como formas ativas de construir o tempo, o território e a vida em comum.

Curadoria MAR



Faz tempo que muitos seres, a despeito do adverso, têm indicado que mergulhemos, assumidamente, nos líquidos *bantu* que constituem os nossos corpos, a nossa cultura, os nossos sonhos e os nossos tempos. É o que somos, afinal: este conjunto de variados “ntu” – a um só tempo, acontecimento ontológico em relação e força autônoma, sem que as coisas sejam entendidas como uma reduzida via de mão dupla – a existir, porque estrelas, gramíneas, clorofila, rebentação rochosa, maré tonitruante, invenção de armadilha e de fibra ótica, sopro de instrumento e de brisa ativa. Deu-se a conhecer, ao longo do tempo, a forma plural bantu (a princípio, classificação linguística do século XIX) que, embora traduzida, euro-ocidentalmente, como “pessoas” ou “povo”, mais parece incluir pessoas do que se encerrar nessa ideia.

Na margem de cá do Atlântico, particularmente, no território que há pouco mais de 200 anos reconhece-se como brasileiro, as gentes sequestradas, sistematicamente, desde os primeiros ciclos do tráfico de pessoas escravizadas, já vinham de regiões do continente africano situadas dentro do universo bantu-falante. Perfilou-se a esse custo, imensuravelmente desumano, conforme se sabe (esperemos que todo mundo saiba em tempos de escandaloso revisionismo histórico), o que quer que se chame de cultura brasileira, com substanciais atravessamentos bantu, no que toca às presenças africanas neste território. É mesmo a nossa vida bantu que está no léxico corrente – entre minhocas, caçulas, caçambas e quitandas, Ls e Rs que se permutam, entre consoantes dependentes de vogais, sintaxe e fonética redesenhadas, entre eixos semânticos –, nos jogos de corpo e no círculo como inscrição a priori do que vive e faz viver.

Não há dúvida alguma, portanto, de que somos capoeira e capoeiragem; quilombo, quilombismo e quilombagem (com as complexas estratégias de recusa e aparecimento); o que se cruza para manter e inventar (ou encruzilhada, como síntese e multiplicação); o que, cruzado, gera cosmograma, ponto riscado e ferramenta sagrada; somos samba, jongo, espiritualidade que não subtrai a espessura do corpo, tambor, como regulação (assim como já o era lemba, cuja polissemia se coloca, por exemplo, entre nkisi-divindade, ancestral de certa comunidade, estado de calma, locus e escola de pensamento). Assim como nzambi é na comunidade, conforme nos lembra uma sentença proverbial do povo kongo – e nzambi, tal qual kalunga, é o que existir –, nós somos nos reinados, nos congados, nos moçambiques, nos vissungos, nos calundus, na enunciação da palavra candomblé como evento infinito, somos nos maracatus e nos estandartes que tomam as mãos do tempo para o aceno da transformação. Somos carvão que escrevinha a densidade da queima, a lua plena: luz e catarata dos céus, porque expõe e segreda tudo, como jogo de dentro e canto público. E solfejamos as infâncias nos “Escravos de Jó” (em que jó é ondjo, onjo, inzo, nzo, ou casa, se, assim, se preferir). Será que um dia seremos árvores novamente, sob os ensinamentos do nkisi-vento, com a mesma força com que deixamos de ser? Mulemba, Imbondeiro, Yala Nkuwu? Mangueira e Salgueiro já nos querem árvores que sambam para reabrirmos o sentido do sol de cada dia.

Marcadamente bantu (esse nome que se ressignifica e pode, ainda que tão estranho quanto doméstico, retomar e propor novas vidas) é ser egresso do continente africano e ir ter eticamente, no mais profundo, importante e complexo das relações, com os povos originários desta terra, de modo a modular os próprios ancestrais, torná-los caboclos, ressonhar as aldeias mais íntimas (as que se formam antes das formas), consagrar-se à jurema, cultivar o que se enevoa sob essa totalidade chamada presente e sob a esperança, com cores de plumagem, de pássaro-manto, sugerindo a recorrência consistente dos porvires.

Uma compreensão que permeia muitos saberes bantu presentes na diáspora negra é a de que, em muitas camadas, há, necessariamente, o que varia ao se estabelecer e é no sentido do que se estabelece e, por isso mesmo, varia que reunimos, nesta exposição, subjetividades e ações artísticas, entre Brasil (majoritariamente), Angola, Cuba e Uruguai, a versar sobre presenças bantu a partir de agora, acontecendo nesta molécula de instante, e, de alguma maneira, para sempre, tendo em mente que sempre é quando o agora incontível acende os fogos de artifício para a sua celebração de aniversário.

Tiganá Santana



EUSTÁQUIO NEVES

SÉRIE ARTHUROS, 1993-1995 [DETALHE]

FOTOGRAFIA

COLEÇÃO DO ARTISTA

FICHA TÉCNICA _ Nossa Vida Bantu

Curadoria | Curaduría | Curatorship

Amanda Bonan, Marcelo Campos e Tiganá Santana

Curadores Assistentes | Curadores Asistentes | Assistant Curators

Amanda Rezende, Jean Carlos Azuos e Thayná Trindade

Estagiária: Ana Júlia Putini Silva

Consultoria Curatorial | Consultoría Curatorial | Curatorial Consulting

Abreu Paxé, Margarida Petter, Salloma Salomão e Wanderson Flor Nascimento

Produção | Producción | Production

Stella Paiva, Iuna Patacho, Nathália Simonetti, Renato Vieira e Saturno Douglas

Estagiária: Juliana Feitosa

Projeto Expográfico | Proyecto Expográfico | Expographic Project

Grua e Stella Tennenbaum Projetos

Design Gráfico | Diseñador Gráfico | Graphic Designer

Oga Mendonça

Comunicação | Comunicación | Communication

Marcelo Andrade, Bernard Gotelip, João Gabriel Peixoto, Luís Gustavo Carmo,

Priscilla Casagrande e Renata de Almeida

Museologia | Museología | Museology

Andréa Zabrieszach dos Santos, Bruna Nicolau, Isabela Cruz, Luana Santos e Priscila Zurita

Estagiários: Davi Arcoverde, Graziela Simões, Isabela Ribeiro e Taina Ribeiro

Bibliotecária Documentalista | Bibliotecaria Documentalista | Documentalist Librarian

Karen Merlim

Estagiária: Sthefany Lopes

Laudos Museológicos | Informes del Museo | Museological Reports

Bruna Lustosa, Caio Corato e Claudia Costa

Projeto de Iluminação | Diseño de Iluminación | Lighting Design

Mínimo Estúdio – Anna Turra

Equipamentos de Iluminação | Equipos de Iluminación | Lighting Equipment

Julio Katona Projetos e Iluminação

Produção Audiovisual | Producción Audiovisual | Audiovisual Production

3 Marias

Filmes da Fonte

Oyá Filmes – Milena Manfredini

Cenotecnia | Escenotécnica | Scenotechnics

Detagek Cenografia

Montagem das Obras | Montaje de las Obras | Installation of the Artworks

Marcos Inácio Meireles, Renato Dias, KBedim Montagem e Produção Cultural

Transporte de Obras | Transporte de Obras de Arte | Transportation of Artworks

Millenium Transportes

Equipamentos Audiovisuais | Equipos Audiovisuales | Audiovisual Equipment

Linha D Montagens

Moldura | Moldura | Frame

Moldurax

Tradução dos Textos e Revisão | Traducción de Textos y Revisión | Text Translation and Proofreading

Adriana Maciel, Lia Mota e Júlia Manacorda – Numa Editora

Plotagem e Sinalização | Ploteo y Señalización | Plotting and Signaling

Ginga Design e Arrematte Comunicação

Agradecimentos | Agradecimientos | Special Thanks to

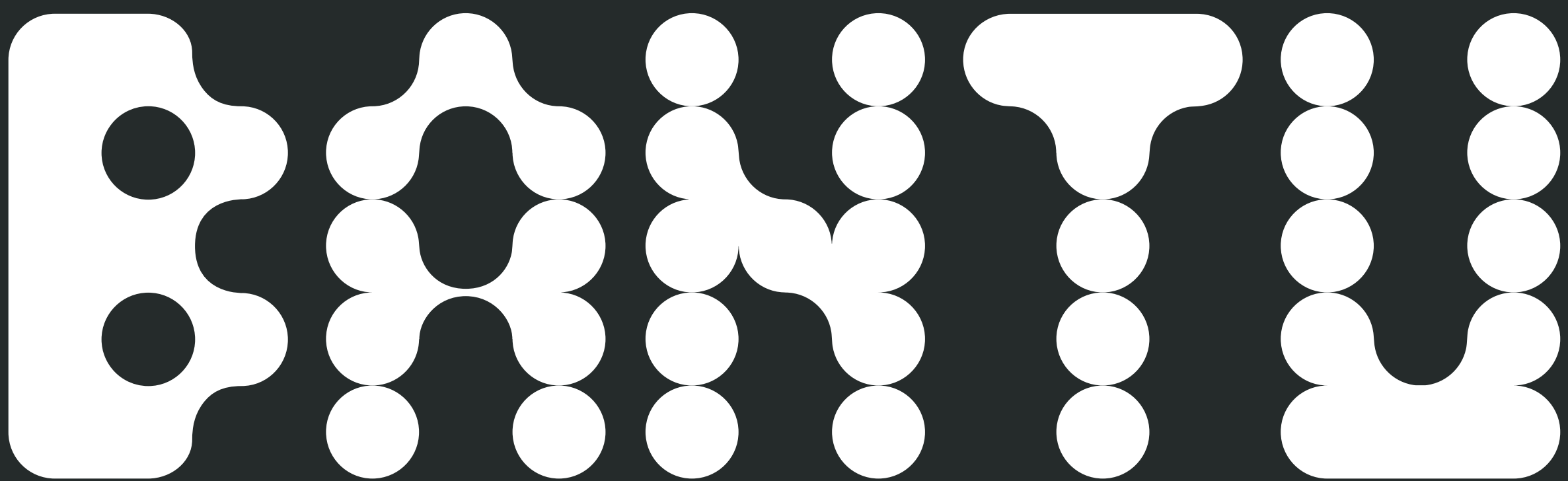
Todos os agradecimentos dirigidos às e aos artistas, consultoras e consultores, às pessoas, espíritos, forças, seres e inteligências que contribuíram, direta e indiretamente, hoje e ontem, para que chegássemos à realização desta exposição. Oxalá haja contribuições amanhã para que muitas ações nesta direção (e mais fundo) continuem a acontecer!

Agradecimentos também a Marco Nakata e Ligia Carvalhosa, aos colecionadores e emprestadores Mylia Mary, Vivian Bernfeld e Andre Capobianco, Jorge Landmann, MASP, Mitre Galeria, Eduardo Brennand, Mendes Wood DM, Ministério da Cultura, família de Mãe Edna. Agradecimentos especiais a Leda Maria Martins, Nei Lopes e Spirito Santo pela grandiosa contribuição às perspectivas Bantu no Brasil.

Ministério da Cultura, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura e Instituto Cultural Vale apresentam



NOSSA VIDA



MANTENEDOR



PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO OURO



GESTÃO



CORREALIZAÇÃO



APOIO



CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO



REALIZAÇÃO

